A linguagem, por sua natureza polissêmica, possui dimensões argumentativas, dialéticas, semânticas e hermenêuticas. Persuadir e convencer estão no cerne da dimensão argumentativa e, nesse sentido, há, também, uma dimensão retórica fundamental para a interação verbal.

A partir dessa constatação, o Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos objetiva abordar, a partir dos conceitos estudados pela retórica, os efeitos persuasivos obtidos por meio da articulação da linguagem no discurso. Paralelamente, cumpre ao Grupo um processo de síntese e integração das ideias dos vários estudiosos da retórica contemporânea.

Como os sentidos são captados por meio de dimensões amplas, de natureza cognitiva, pragmática e passional, os estudos do Grupo levarão em conta as modernas contribuições das pesquisas linguísticas para analisar a consecução dos atos retóricos e a verificação da força retórica como ação capaz de traduzir percepções, valores, sentimentos, posicionamentos e ações discursivas em textos de natureza política, religiosa, propagandística e quaisquer outros que espalhem as verdades contingentes, pertencentes ao campo da retórica. O princípio de análise dos textos pertencentes aos diversos gêneros irá, pois, pautar-se em critérios já secularmente estabelecidos pela retórica tradicional, pelos modernos estudos retóricos e levará em conta os aspectos pragmáticos, estéticos e éticos dos diversos discursos.

openaccess.blucher.com.br

ISBN 978-85-8039-287-6

Blucher Open Access

FERREIRA

ARTIMANHAS DO DIZER

Blucher

Luiz Antonio Ferreira
organizador

ARTIMANHAS DO DIZER

Retórica, oratória e eloquência

Blucher Open Access

Grupo ERA
Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos

Artimanhas do dizer: retórica, oratória e eloquência

© 2017

Editora Edgard Blücher Ltda.

Revisão Técnica:
Luana Ferraz

Conselho Editorial:
Ana Cristina Carmelino – UNIFESP
Ana Lúcia Magalhães – FATEC
Ana Paula Pinto – Universidade Católica de Portugal
Cândido Oliveira Martins – Universidade Católica de Portugal
Eliana Magrini Fochi – FATEC
João Hilton Sayeg-Siqueira – PUC-SP
Lia Cupertino Duarte Albino – FATEC
Luiz Antonio Ferreira – PUC-SP
Maria Cecília de Miranda N. Coelho – UFMG
Maria Flávia Figueiredo – UNIFRAN
Orlando R. Kelm – Universidade do Texas

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4° andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Artimanhas do dizer : retórica, oratória e eloquência /
organizado por Luiz Antonio Ferreira.
-- SãoPaulo : Blucher, 2017.
176 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-8039-288-3 (e-book)
ISBN 978-85-8039-287-6 (impresso)
Open Access

1. Linguística 2. Análise do discurso 3. Oratória
4. Fala em público I. Ferreira, Luiz Antonio

17-1481 CDD 410

Índice para catálogo sistemático:
1. Linguística

PREFÁCIO

Em 409 a.C., Sófocles resumia, numa fala de Ulisses em Filoctetes, um aforismo que merece reflexão: "Veja que na vida dos homens é a palavra, e não a ação, que conduz tudo". De fato, no mostra-esconde do universo do dizer-se, os homens se digladiam e se abraçam com a palavra. Sempre foi assim: muitos e muitos livros foram e são escritos para nos ensinar fórmulas de bem dizer, pois, sabemos todos, a palavra impressiona, impacta, consolida o *ethos* e, em retórica, como na vida, somos considerados ou desconsiderados principalmente por aquilo que dizemos e como dizemos. Nesse sentido, é impossível negar a força magnânima da oratória e da eloquência como componentes fundamentais da arte de construção do discurso.

Essa preocupação com a relação retórica, vista como um fenômeno que consagra a aproximação e o afastamento intelectual e afetivo no seio social, fez os autores do Grupo ERA e seus convidados debruçarem-se, no presente volume, sobre os baluartes da construção oratória. Embora haja vasta literatura sobre os assuntos aqui tratados, o objetivo é revisitar, num tempo de tantas publicações de natureza pragmática sobre a arte oratória, os ensinamentos que geraram a contemporânea "técnica" de bem dizer. Nesse sentido, este é um livro para iniciantes no estudo da retórica e, por isso, possui um espírito didático muito necessário para reavivar na mente e no coração dos interessados um pouco dessa arte que, desde o século V a.C., distingue um homem do outro por suas qualidades elocutivas e capacidade de exortar as paixões mais significantes na incessante busca da revelação do humano em nós.

Com esse propósito, os textos traçam um panorama da oratória grega e latina, iniciam o estudante no pensamento de Cícero e Quintiliano e, a seguir, abordam aspectos fundamentais da arte de pronunciar bons discursos: o protagonismo oratório, o papel do retor, do orador e do declamador, os gêneros do discurso oratório, efeitos retóricos da prosódia, a função da memória e do humor no dis-

SOBRAL, Adail Ubirajara. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos:* a fase "parasitária" de uma vertente do gênero de auto-ajuda. 2006. 325 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos de Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUZA, Genival Evangelista de. *Manual do trabalho acadêmico-científico*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

TED. Amy Cuddy: Sua linguagem corporal molda quem você é. *YouTube*. 1° out. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ks-_Mh1QhMc>. Acesso em: 15 jul. 2017.

8 CAPÍTULO

NUANCES DO DIZER

EFEITOS RETÓRICOS DA PROSÓDIA

Maria Flávia Figueiredo

Alan Ribeiro Radi[1]

Durante o ato de debate sobre assuntos de caráter conflituoso, percebeu-se que algumas escolhas, feitas por aquele que debatia, produziam uma noção de verdade mais efetiva que outras e, como consequência, resolviam o problema em questão de maneira mais eficiente. É nesse cenário que surge a retórica, assim definida por Aristóteles (2011, I, p. 44): "pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em

[1] ALAN Ribeiro Radi. Mestrando em Linguística pela Unifran com fomento Fapesp (2016/17438-7)/ Capes.

cada caso, o que este encerra de próprio para criar persuasão". Essa definição fornece o programa de pesquisa que os estudiosos da retórica seguem ainda hoje, estuda-se retórica para compreender quais fatores fazem uma argumentação ser mais ou menos profícua.

Vale ressaltar que no contexto de origem da retórica, na Grécia antiga, os discursos retóricos eram proferidos nas praças públicas, dessa maneira, se apresentavam na modalidade oral. A escrita e a leitura eram dominadas somente pela elite econômica e intelectual que representava uma parcela muito pequena da sociedade. Atualmente, nossa realidade é bem outra e as análises retóricas são empreendidas em textos verbais, não verbais e sincréticos. Os textos verbais e sincréticos podem ser orais ou escritos. No entanto, a modalidade oral dos discursos apresenta uma ferramenta que tem sido estudada pela linguística e contribui para a ampliação da capacidade argumentativa dos discursos, essa ferramenta é a prosódia. Trataremos, nos itens subsequentes, de conceituar teoricamente esse ramo do conhecimento linguístico e, posteriormente, faremos as devidas considerações sobre sua contribuição para a retórica.

O TERMO PROSÓDIA[2]

De acordo com Scarpa (1999, p. 7-9), o conjunto de fenômenos que recebe o nome de prosódia é extenso e discussões acerca desse tema são bastante antigas. Não é, portanto, ocasional o fato da confusão terminológica desta área de investigação ser tão grande (cf. COUPER-KUHLEN, 1986). O termo *prosódia* era utilizado pelos gregos para designar os traços da fala não representados ortograficamente, isto é, o acento de tom ou melódico, os quais, posteriormente, foram introduzidos na escrita por meio de símbolos ortográficos. Em seguida, os acentos tonais ou melódicos do grego clássico cederam lugar ao caráter de acento dinâmico e, consequentemente, o termo prosódia sofreu uma redução de significado, passando a denotar diferenças de duração e acento. Devido a essa vinculação com acento e duração vocálica, na tradição da métrica greco-latina, o termo adquiriu o significado de "versificação" por volta do século XV.

O termo *prosódia* também passou a ser utilizado pelos teóricos e críticos literários no que tange as teorias de métrica poética e o ritmo da poesia e da prosa.

Tradicionalmente, as Gramáticas Normativas, preocupadas em ressaltar as características valorativas do bom uso da língua, atribuem ao termo *prosódia* a acepção marginal de ortoépia (ou ortoepia) que se refere ao "bom dizer" ou "sotaque". Essa visão tem sido descartada pelos especialistas em fonética e fonologia.

[2] O conteúdo teórico deste capítulo foi originalmente publicado em Figueiredo (2006).

Para a linguística atual, o termo *prosódia* refere-se ao conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além ou "acima" (hierarquicamente) da representação segmental linear dos fonemas. Disso decorre o fato de podermos utilizar, indiscriminadamente, a expressão *elementos prosódicos* ou *elementos suprassegmentais*. Porém, uma vez que os fatos fônicos segmentais e os prosódicos são interdependentes, tem-se privilegiado o uso do termo *prosódia* em detrimento de *suprassegmento*.

De acordo com Scarpa (1999, p. 8):

> O termo recobre, nos estudos linguísticos, uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais.

Essa gama multifacetada de fenômenos tem feito dos estudos prosódicos um campo fascinante, pois o coloca "na encruzilhada entre prosa e poesia, entre linguística e engenharia do som, entre sintaxe e semântica, entre fonética e fonologia, entre língua e discurso" (SCARPA, 1999, p. 8). E é precisamente nesta brecha – na intersecção entre língua e discurso – que pretendemos desenvolver nossa pesquisa.

Apresentaremos, a seguir, uma classificação pormenorizada dos elementos prosódicos relevantes para a língua portuguesa.

ELEMENTOS PROSÓDICOS

Na fala, além das vogais e consoantes (segmentos), encontramos os *elementos prosódicos*. Para Cagliari (1992), *elementos prosódicos* (ou suprassegmentais) são os elementos diferentes dos segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba. Esses elementos (cf. CAGLIARI, 1999, p. 7) variam constantemente e de muitas maneiras e o resultado que produzem faz com que a fala se mostre com o perfil de uma cadeia de montanhas com vales e picos[3]. A este perfil da fala, Cagliari deu o nome de *ársis* e *tésis*, sendo que *ársis* corresponde a "picos" e *tésis*, a "vales". De acordo com o autor, *ársis* e *tésis* são o efeito final da modulação de saliências fônicas na fala, tendo, portanto, uma função prosódica própria, independente das funções dos elementos prosódicos constitutivos.

[3] Essa visão acerca dos picos e vales já aparece há bastante tempo na fonética inglesa, tal como demonstra Cook (1991) quando trata da caracterização do padrão acentual do inglês. Em relação ao ritmo, essa mesma visão é compartilhada por Abercrombie (1967). E, em relação à entoação, esse tipo de abordagem foi enfatizado por Halliday (1970), na descrição da entoação do inglês (cf. FIGUEIREDO, 2002, p. 146).

Para melhor entendermos esse conceito, pensemos numa poesia metrificada com rima no final dos versos. O pico da *ársis* seria acentuado pela rima, ao passo que os vales das *tésis* seriam definidos pelas sílabas átonas do verso.

Como pudemos observar, *ársis* e *tésis* são uma somatória dos elementos prosódicos, interessa-nos, no entanto, fazer sua decomposição para melhor entendimento e visualização desse perfil sonoro. Os elementos oriundos dessa decomposição podem ser agrupados em três grupos (cf. CAGLIARI, 1999, p. 9):

1) Elementos prosódicos da variação da altura melódica:
   tessitura
   entoação
   tom (nas línguas tonais)
   acento frasal (ou sílaba tônica saliente)
2) Elementos prosódicos da variação da duração:
   ritmo (sílaba, pé, grupo tonal, etc.)
   duração
   acento
   pausa
   concatenação
   velocidade de fala
3) Elemento prosódico da intensidade sonora:
   volume

Vejamos, a seguir, de forma bem sucinta, em que consiste cada um desses elementos prosódicos.

- **Tessitura:** variações que deslocam a escala melódica da fala (mais alta ou mais baixa).
- **Entoação:** variação melódica ascendente ou descendente.
- **Tons:** variação melódica que, nas línguas tonais, se dá no espaço de sílabas (diferente do que acontece com as línguas entoacionais, em que a variação melódica se dá no espaço de grupos tonais). Os tons servem para caracterizar os itens lexicais (distinguem significados lexicalizados).
- **Acento frasal:** ocorre quando há uma mudança significativa da direção do nível melódico em determinada sílaba. Essa sílaba (*sílaba tônica saliente*) trará consigo o *acento frasal*.

- **Ritmo:**[4] caracteriza-se pela expectativa de uma repetição das saliências fônicas marcadas por durações estabelecidas. Depende de como são organizadas as unidades fonéticas da sílaba, do pé e do grupo tonal em função da duração que cada um deve ter. As línguas variam de acordo com o modo como organizam a forma do ritmo dentro dos grupos tonais. Algumas línguas tendem a produzir intervalos isocrônicos entre as sílabas tônicas, outras preferem controlar a duração individual das sílabas das palavras, sem procurar um tipo de isocronia.
- **Duração:** pronúncia, ou prolação, alongada de elementos da fala (segmentos). Pode-se apresentar de duas maneiras:
  a. com a função de determinar o ritmo através das durações das sílabas, dos pés e dos grupos tonais.
  b. com a função de destacar unidades sintáticas e semânticas pela prolação alongada.
- **Acento:** revela as ondulações rítmicas da fala e tem sido interpretado de três maneiras distintas.
  a. *a fonêmica* (PIKE, 1947) interpreta o acento como um fonema (do tipo suprassegmental). Trata-se de uma unidade abstrata como qualquer fonema e serve para distinguir significados lexicais de palavras.
  b. *a fonologia gerativa* (CHOMSKY; HALLE, 1968) interpreta o acento como sendo um dos elementos que podem integrar a formação de uma vogal, como um traço distintivo.
  c. *a fonologia métrica* (LIBERMANN; PRINCE, 1977) trata o acento como um fato pertencente à sílaba.
- **Pausa:** silêncio na fala em meio a enunciados, com a função de segmentação da fala. Durante os momentos de silêncio na fala, o processo respiratório continua com seus pulsos torácicos gerando sílabas silenciosas. A falta de sonorização na fala é um elemento de destaque e que contribui, de maneira significativa, para o movimento de *ársis* e *tésis*.
- **Concatenação:** junção de palavras que define a maneira como as pausas ocorrem num enunciado.
- **Velocidade da fala:** rapidez ou lentidão com que um mesmo enunciado pode ser pronunciado (na música, corresponde ao andamento).
- **Volume:** refere-se à variação de intensidade da voz (alta ou baixa).

---

[4] Acerca da definição dos padrões rítmicos das línguas, ver excelente discussão apresentada por Massini-Cagliari (1992).

De acordo com Cagliari (1992), os elementos prosódicos podem exercer, no discurso, pelo menos onze funções linguísticas distintas:

1) fonológica (fonêmica)[5];
2) fonológica (geradora de processos)[6];
3 morfológica (lexicalização)[7];
4) sintática (categorias e funções);
5) discursiva (coesiva);
6) dialógica (turnos conversacionais);
7) semântica (conotações, subentendidos);
8) pragmática (atitudes do falante);
9) identificação do falante ou da língua;
10) reestruturação da produção da fala;
11) fonética (fatos físicos).

Elencaremos, a seguir, os elementos prosódicos descritos seguidos das diferentes funções linguísticas por eles exercidas no discurso. Os casos mais recorrentes serão ilustrados com exemplos.

1) Tessitura

a) função sintática (categorias e funções)

Destaca ou marca elementos que estão "deslocados" (tessitura geralmente mais grave).

A professora, **porém**, ignorou o acontecido.

b) discursiva (coesiva)

Uso de tessitura grave para digressões.

[5] Certos fonemas se caracterizam por meio de elementos prosódicos, tais como o tom (em línguas tonais), a duração (no italiano) e o acento (na língua portuguesa).

[6] As alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam os processos fonológicos (cf. CAGLIARI, 2002, p. 99). Alguns exemplos de processos fonológicos gerados pela prosódia são: a palatalização, a labialização, a nasalização, a assimilação, a contração e até mesmo o uso de um "creaky voice" em determinados contextos.

[7] Ocorre a "lexicalização" quando palavras são definidas por meio de elementos prosódicos.

Uso de tessitura aguda ao retornar ao assunto principal.

c) dialógica (turnos conversacionais)

Uso de tessitura aguda para pedir o turno durante a fala do outro.

Uso de tessitura grave no final de turno.

d) pragmática (atitudes do falante)

Níveis mais graves indicam mais razão, autoridade.

Níveis mais agudos indicam contestação, exaltação.

Tessitura bem grave ou bem aguda indica estratégia para não ser interrompido.

2) Entoação

a) sintática (categorias e funções)

Tom descendente indica frase afirmativa.

Ela chegou.

Tom ascendente indica frase interrogativa.

Ela chegou?

Tom ascendente + tom descendente = frase principal + frase subordinada.

Avise, quando você chegar.

Tom descendente + tom ascendente = frase subordinada + frase principal.

Quando você chegar, avise.

b) semântica (conotações, subentendidos)

Corrobora o acento frasal para marcar foneticamente o foco de frases (cf. exemplo 4 a).

c) pragmática (atitudes do falante)

Tom descendente em nível alto, passando a baixo (no componente tônico) = frase afirmativa + significado de "pedido" por parte do falante.

Fique aqui.

3) Tom

a) fonológica (fonêmica)

Não se aplica à Língua Portuguesa.

4) Acento frasal

a) semântica (conotações, subentendidos)

Marca o foco de frases.

Maria sempre escreve **e-mails**.

Maria **sempre** escreve e-mails.

Maria sempre escreve e-mails.

5) Ritmo

a) fonológica (geradora de processos)

Pode ocorrer um processo de *contração*[8] em fronteira de palavra.

Maria semprescreve-mails.

b) semântica (conotações, subentendidos)

Fala silabada com o intuito de chamar a atenção para o que se diz.

Geralmente faz-se uma súplica ou diz-se um palavrão em ritmo silábico.

6) Duração

a) fonológica (fonêmica)

Não se aplica à Língua Portuguesa.

b) fonológica (geradora de processos)

A duração das sílabas tem grande importância na constituição dos processos fonológicos.

c) morfológica (lexicalização)

Não se aplica à Língua Portuguesa.

d) semântica (conotações, subentendidos)

Alongamento da duração da sílaba = aumento no sentido positivo de uma qualidade.

Ana Cristina comprou um carro! (caaaarro)

[8] Underhill (1994, p. 65), ao explicar as *contrações*, afirma que na cadeia da fala, uma forma átona pode se juntar a outra palavra, sofrendo redução, de forma que ambas as palavras sejam pronunciadas como uma só, muitas vezes ocupando uma única sílaba.

Alongamento da duração da sílaba indicando aumento no sentido negativo de uma qualidade (ironia).

Você é tão legal!? (tãããão legaaal)

Demanda uma interpretação do contexto discursivo ou pragmático.

e) reestruturação da produção da fala

f) fonética (fatos físicos)

Um dos elementos que marcam a saliência das sílabas tônicas.

7) Acento

a) fonológica (fonêmica)

Distingue significados lexicais de palavras.

sábia – sabia – sabiá

pública – publica – publicá (=publicar)

8) Pausa

a) morfológica (lexicalização)

Define fronteiras de palavras.

b) sintática (categorias e funções)

Indica o deslocamento de elementos sintáticos.

Ela, no entanto, continuava triste.

c) semântica (conotações, subentendidos)

Mudança brusca do conteúdo semântico.

Eu sempre vou à missa aos domingos. Você se lembrou de comprar o jornal?

d) pragmática (atitudes do falante)

O uso de pausas "fora do esperado" demonstra uma atitude do falante para impressionar o interlocutor.

Falar destacando as palavras com pausas demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz.

Serve para chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida.

e) reestruturação da produção da fala

Uso de pausas "fora do esperado" (hesitação) significa reorganização da fala.

Segmenta a fala em sintagmas de um jeito e não de outro.

f) fonética (fatos físicos)

A pausa tem uma função aerodinâmica que permite ao falante respirar durante a fala.

9 Concatenação

a) reestruturação da produção da fala

Concatena a fala em sintagmas de um jeito e não de outro.

10 Velocidade

a) dialógica (turnos conversacionais)

Aceleração indicando que um falante quer sobressair ao seu interlocutor, dando mais ênfase ao que diz.

b) pragmática (atitudes do falante)

Desaceleração indicando maior valor a algo que se diz.

Aceleração indicando argumento mais importante logo adiante.

c) fonética (fatos físicos)

Aceleração indicando início de enunciado.

Desaceleração indicando final de enunciado (diante de pausa).

11 Volume

a) pragmática (atitudes do falante)

Falar alto pode sinalizar atitude autoritária.

Falar baixo pode sinalizar atitude de persuasão, timidez ou respeito.

Alto volume de voz pode ainda indicar expressões súbitas de dor, de perigo ou de grande perturbação.

b) fonética (fatos físicos)

O volume pode ser um dos elementos que marcam a saliência das sílabas tônicas.

A variação do volume acompanha as marcas fonéticas de saliência ou de redução.

PROSÓDIA, RETÓRICA E PERSUASÃO

Por meio do exposto acima, podemos entender que, para efeito de pesquisa, os elementos prosódicos devem sempre ser observados com base nas funções linguísticas que exercem. Assim, a análise de sua presença em textos orais fornecerá as pistas necessárias para a interpretação dos possíveis efeitos persuasivos por eles carreados.

Quando lançamos mão da retórica como uma teoria interpretativa dos textos, o fazemos em busca dos sentidos que são manifestados enquanto se pretende alcançar um propósito comunicativo que motivou a produção do discurso em questão. Independentemente do tema abordado, o discurso retórico tem por finalidade a intenção de persuadir um auditório que se encontra diante de uma questão polêmica (cf. FERREIRA, 2010, p. 15). De que maneira os elementos prosódicos podem ser efetivos na busca do alcance desse propósito comunicativo? Para respondermos esse questionamento devemos antes considerar o que disse Aristóteles sobre os caminhos que levam o auditório à persuasão:

> Há três tipos de meio de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar (ARISTÓTELES, 2011, I, p. 45).

Esses meios de persuasão dizem respeito respectivamente às instâncias argumentativas que, em retórica, denominamos de *ethos*, *pathos* e *logos*. No tocante ao *logos*, remetemo-nos à *actio*, ou seja, ao momento em que o discurso é proferido para seu auditório. Nesse momento de proferição do discurso o orador assume a incumbência de gerar persuasão, de alcançar seu propósito comunicativo; dessa maneira, os elementos prosódicos funcionam como uma ferramenta capaz de conferir um diferencial ao orador, permitindo que ele empregue ao texto singularidade e personalidade de forma que nenhum outro orador faça. Essa função liga-se à ordem de finalidade *delectare* do discurso, que, de acordo com Ferreira (2010), representa o lado estimulante, atrativo ou que seja capaz de prender a atenção do auditório.

É ainda na *actio* que o orador consolida as outras duas provas retóricas. Uma delas é o *ethos*, ou seja, a construção de uma imagem positiva que o orador engendra de si. O orador, de acordo com Meyer (2007, p. 35), deve ser o ponto final do questionamento. Os recursos prosódicos são de grande valia para que o orador, por meio do recurso de *ársis* e *tésis*, seja capaz de construir uma imagem favorável de si. A título de exemplo, imaginemos um orador que lance mão de

uma *tessitura grave com função pragmática* para edificar uma imagem de conhecedor do tema que aborda, de autoridade no que diz; ou use uma *tessitura aguda com função pragmática* para demonstrar indignação com um tema, caso o mesmo desperte esse sentimento no seu auditório e, dessa maneira, produza um efeito positivo de solidariedade na relação do orador com seu auditório.

O *pathos* é a outra prova retórica que se consolida na *actio*. Nós a consideramos muito efetiva, uma vez que "as emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer" (ARISTÓTELES, 2015, p. 116); dessa maneira os recursos prosódicos atuam com eficiência quando desencadeiam no auditório alguma das paixões ou um conjunto delas. Com o intuito de ilustrar, imaginemos que, por intermédio de *volume baixo* e *tessitura grave*, o orador desperte a paixão da calma no auditório se, assim, for conveniente. Suponhamos, ainda, por meio do uso de *acento frasal* marcar, na frase, um ou mais termos que conduzam o auditório para um estado de espírito que seja favorável para a argumentação que se realiza.

Conforme já dissemos, o propósito da teoria retórica se assenta na busca de entender quais estratégias levam um orador a "provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento." (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4). Buscamos, ao longo destas nossas reflexões, entender de que maneira a prosódia configura uma ferramenta eficaz para aqueles que pretendem persuadir. Com essa finalidade, mostramos algumas possibilidades de emprego desses elementos nos três meios de persuasão propostos por Aristóteles (2015). Devemos salientar que as possibilidades de uso da prosódia são inumeráveis. Poucas delas selecionamos, a título de exemplificação, com a finalidade de ilustrar sua ocorrência. Esperamos ter podido demonstrar a eficácia que pode ser desempenhada por essa ferramenta argumentativa quando empregada com astúcia pelo orador.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, David. *Elements of general phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

_____. *Retórica*. Tradução do grego de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos suprassegmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

_____. *Acento em português*. Campinas: Edição do autor, 1999. (Coleção Espiral, Série Linguística, v. 4).

_____. *Análise fonológica*: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002. (Coleção Ideias sobre Linguagem).

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.

COOK, Ann. *American accent training*: a guide to speaking and pronouncing American English for everybody who speaks English as a second language. Hauppauge: Barron's, 1991.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth. *An introduction to English prosody*. Londres: Arnold e Tübingen, Max Niemeyer, 1986.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão:* princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Maria Flávia (publicado originalmente como BOLLELA, Maria Flávia Figueiredo Pereira). *Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica*. 2002. 380 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, SP, 2002.

_____. (publicado originalmente como BOLLELA, Maria Flávia Figueiredo Pereira). A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, Maria Silvia Olivi; NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos; OLIVEIRA, Maria Regina Momesso (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2006. p. 113-128. (Coleção Mestrado, 1).

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *A course in spoken English*: Intonation. London: Oxford University Press, 1970.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, 8, p. 249-336, 1977.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

MEYER, Michel. *A retórica*. Tradução Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação:* a Nova Retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIKE, Kenneth. *Phonemics*: a technique for reducing languages to writing. 12. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1971.

SCARPA, Ester Mirian. (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

UNDERHILL, Adrian. *Sound foundations*. Oxford: Heinemann, 1994. (The Teacher's Development Series).

CAPÍTULO 9

A MEMÓRIA NOS ATOS DO ORADOR

Leonardo Tavares

Márcia Pituba

Ricardo Ugeda Mesquita

MEMÓRIA E RETÓRICA

O exercício do orador consiste, dentro de uma perspectiva aristotélica, em encontrar os meios mais adequados ao tratamento de qualquer tema, com o objetivo de persuadir. Nesse percurso, há muitos passos a serem dados rumo ao convencimento. Há, também, ferramentas a serem utilizadas, estratégias a serem minuciosamente pensadas. É nesse contexto que se apresenta a Memória. Não a memória tomada em sentido amplo, vulgar, mas uma Memória que é Arte, que tem vida própria e dialoga de forma estreita com a Retórica.